

O QUESITO “ABORDAGEM METODOLÓGICA” NA PESQUISA CIENTÍFICA:

notas iniciais

Luiz Carlos dos Santos

A inquietação dos estudantes, mormente quando chegam à fase de elaboração do projeto de pesquisa, gravita em torno da metodologia a ser utilizada; isso porque, em grande parte, a origem de tal inquietação está na concepção da matriz curricular do curso, principalmente daqueles na modalidade pós-graduação.

A falta de domínio, pelos estudantes, da epistemologia metodológica, dos métodos aplicados na elucidação de fatos, fenômenos ou ocorrências, nas fases da elaboração do projeto, até mesmo, nos aspectos relacionados à normalização, torna o trabalho para eles uma tarefa árdua. Há quem advogue que o problema não se restringe aos pós-graduandos, mas, também, aos professores-orientadores, de dissertações, teses, ou outros trabalhos de cunho técnico-científico e acadêmico.

A constatação é patente: poucos são os pesquisadores que dominam as características do traçado metodológico na sua plenitude. Elaborar um projeto de investigação requer do autor conhecimento sobre as diferentes correntes filosóficas do conhecimento - positivismo, neo-positivismo, fenomenologia, estruturalismo, dialética, dentre outras.

Um número restrito de pesquisadores tem convicção da escolha do tipo de método (ou conjunto deste) a ser empregado na investigação; falta-lhes estudo profundo sobre as características de cada método para que a opção seja acertada na busca do desnudar do objeto sob investigação.

No desenho da metodologia, é recorrente observar a confusão de termos - ora se troca o que vem a ser tipologia quanto aos objetivos da pesquisa por abordagem metodológica e vice-versa. Acrescentam-se, dentre outros elementos definidores do gênero metodologia - ausência de explicitação do método adotado no estudo; inexistência de clareza quanto às espécies de abordagens quantitativa e/ou qualitativa; falta de discriminação do público alvo para cada instrumento de coleta de dados; assim também, quanto ao assentamento referente à exposição do objeto do trabalho (teórico ou teórico-empírico) e ao detalhamento das pesquisas bibliográfica, documental, eletrônica e de campo.

É necessário, de uma vez por todas, que o pesquisador entenda que não basta o domínio da epistemologia conteudista (teoria do conhecimento que ancora as categorias, eixos, parâmetros da temática a ser explorada). A metodologia é o caminho a trilhar - sem ela

não há elucidação do que se está pesquisando. O trabalho seria apenas mera compilação de idéias nem sempre atendendo ao nexo exigido pelo estudo.

Portanto, a matriz curricular de um programa de pós-graduação concernentemente à metodologia deve conter três momentos a explorar: correntes filosóficas do conhecimento; tipologia quanto aos objetivos do estudo, métodos e abordagens metodológicas; e, o projeto ou traçado do relatório de monografia, dissertação ou tese, incluindo-se neste último os trâmites concernentes à normalização - NBRs da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), além da atenção ao estilo e níveis da língua culta.

É interessante registrar que boa parte dos textos de opinião disponibilizados neste “blog” foi fruto de reflexão a partir das aulas ministradas sobre metodologia da pesquisa científica, quer na graduação ou não pós-graduação (*lato* ou *stricto sensu*), um dos campos de aderência deste autor.

Adentrando-se, agora, ao cerne deste texto, é importante considerar no tocante à abordagem quantitativa, que tudo pode ser quantificável; o que significa traduzir, em números, percepções/opiniões e informações para classificá-las e analisá-las. Isso requer o uso de recursos e de técnicas estatísticas (percentagem, média, moda, mediana, desvio-padrão, coeficiente de correlação, análise de regressão, etc.). Enfim, os resultados precisam ser replicados (MINAYO, 2007; LAKATOS et al, 1996).

Por outro lado, na abordagem qualitativa, entende-se enquanto uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números (MINAYO, 2007).

Assim, a interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicas no processo de pesquisa qualitativa. Não requer o uso de técnicas estatísticas. O ambiente natural é a fonte direta para a coleta de dados e o pesquisador é o instrumento-chave. Os pesquisadores tendem a analisar seus dados indutivamente. O processo e seu significado são os focos principais de abordagem (LAKATOS et al, 1996).

Todavia, em pesquisa, todo cuidado é pouco quanto ao enquadramento da abordagem. Recomenda-se que, salvo raríssimas exceções, a investigação seja encarada como do tipo misto, ou seja, quanti/quali, principalmente se forem levadas em conta às perguntas de caracterização da clientela ou público alvo.

Para o processo de investigação científica, nesta perspectiva, o pesquisador, enquanto consumidor de pesquisa, na fase da revisão de literatura, não deve restringir-se a resultados, como fruto de uma determinada abordagem, ignorando ou até deixando de verificar as demais, muitas vezes, por falta de conhecimento.

Enquanto participante do processo de construção do conhecimento, idealmente, o pesquisador não deveria escolher entre uma abordagem ou outra, mas utilizar as várias espécies, qualitativas e quantitativas que se adequam à sua questão de pesquisa. Do ponto de vista prático, existem razões de ordens diversas que podem induzir um pesquisador a escolher uma abordagem ou outra.

Dessa forma, como é difícil ser fluente em mais de uma cultura e língua, é igualmente difícil aproximar-se de um tema de pesquisa a partir de paradigmas distintos. Nessa linha, Turato (2004, p. 22) alerta para uma “lamentável indiferença à real não-harmonia dos paradigmas”, argumentando contra abordagens que combinam métodos qualitativos e quantitativos.

Entretanto, ressalta-se, que uma abordagem mista não necessariamente implica uma linguagem confusa e incompreensível em termos metodológicos.

Um primeiro argumento em favor de uma determinada abordagem metodológica está implícito na escolha de um método adequado para a pergunta que está sendo estudada. Na medida em que as perguntas de pesquisa frequentemente possuem características variadas e peculiares, comportam mais de uma abordagem e método. Um outro argumento reside, obviamente, na competência específica do pesquisador. Cabe assinalar que tal competência deve incluir a sabedoria quando for apropriada, de não realizar uma pesquisa por extrapolar determinadas habilidades, ao invés de modificar a pergunta em função da sua competência.

Considerações mais objetivas incluem recursos indispensáveis: de quanto tempo poderá dispor para realizar a pesquisa e preparar o relatório com os resultados? Que incentivos/recursos financeiros estão disponíveis para contratar colaboradores e assistentes de pesquisa? Quais os recursos materiais (gravadores, máquinas fotográficas, filmadoras, computadores) existentes? Qual o acesso à população a ser estudada?

Enfim, a questão não é colocar a abordagem qualitativa em oposição à abordagem quantitativa - não é decidir-se pela pesquisa de cunho qualitativo ou pela pesquisa de caráter quantitativo. A indagação tem implicações de natureza prática, empírica e técnica. Levando em conta os recursos materiais, temporais e pessoais disponíveis para lidar com um determinado enunciado do problema científico, coloca-se para o pesquisador e para o orientador a tarefa de encontrar e usar a abordagem teórico-metodológica que permita, num mínimo de tempo, chegar a um resultado que melhor contribua para a compreensão do fenômeno e para o avanço do bem-estar social.